

Dedicarei a discussão de hoje à consideração da cena literária que nos cerca. Considero esta cena de um ponto de vista fenomenológico, isto é suspendendo todo conhecimento prévio que os senhores têm da literatura. Não é uma cena impressionante? Durante milhares de anos, ao longo do curso da história, a palavra falada procurava o fixo metal para transformar-se em palavra escrita apenas em momentos culminantes do discurso. A literatura representava o tesouro penosamente acumulado e humildemente guardado por uma casta de letrados, de sacerdotes da letra. Temos uma estátua de um escriba egípcio, ironicamente chamada "o alcaide", que nos permite sorver o ar de concentração sacral da literatura. Os fragmentos pré-socráticos que chegaram até nós mutilados e deturpados por uma cadeia de milhares de penas mais ou menos inábeis de copistas, preservam até hoje essa fragrança de sacralidade. As bibliotecas dos mosteiros medievais eram distritos do sacro, nos quais monjes eruditos e iluminados pela fé passavam a sua vida copiando pergamínhos e iluminando as páginas com uma dedicação paciente explicável somente pelo desejo ardente de alcançar, pelo livro a imortalidade da alma. Ainda me lembro que observei, quando criança, numa granja de uma vila tcheca, o momento solene, quando, depois do jantar, o pai da família abria um livro para dele ler em voz alta alguns trechos. Não era a Bíblia, nem um poeta clássico, apenas um almanaque das orações que acompanhavam o início da leitura, a disposição das cadeiras, o limpar dos óculos, o silêncio apenas interrompido pelo chamejar da lareira, firmaram-se na minha memória como um ato quase religioso. No centro do ritual havia um livro, e todo livro é sagrado, não importa o conteúdo do livro. É um ser o livro o qual, muito embora produzido por um esforço humano, adquire uma autonomia misteriosa e de certa maneira superior ao ser do próprio homem. É o que os antigos pretendiam ao dizer "habent fata libelli".

Fois concorderão comigo os senhores que o que acabo de descrever não diz respeito à cena da atualidade. A invenção do papel e da máquina impressora no início da Idade moderna, a semi-alfabetização das massas a partir da Revolução francesa, e o aperfeiçoamento dos meios de difusão nos últimos decênios alterou totalmente o significado do termo "literatura". Somos literalmente inundados por uma cachoeira de papel impresso, cujo curso rápido e efêmero que se derrama das tipografias em busca das latas de lixo arrasta consigo as nossas mentes aturdidas. Torrentes majestosas de jornais e revistas, livros de bolso e edições de suma atualidade, derrubam as nossas florestas e entopem a canalização das nossas cidades. Notícias, novidades e informações, divertimentos, sensações e propaganda, agitam-se em ondas espumantes em jorro redor numa dança deveras infernal de letras maiúsculas e minúsculas organizadas em linhas. Este é o significado atual do termo "literatura". Não me avontade de descrever a literatura assim, porque participo ativamente dessa dança. Houve talvez uma época que se assemelha um pouco à nossa neste particular, a saber o helenismo. Milhares de servos copiavam incansavelmente informações rabiscadas taquígraficamente em louças de cera e espalhavam a assim essas informações pelo Império romano. Mas a comparação é tão válida, quanto é válida a comparação entre um servo e uma máquina rotativa. A literatura atual é um fenômeno sem paralelo. Isto é mais uma prova da minha afirmativa que na nossa situação a história pouco ou nada nos ensina. É verdade que a nossa situação surgiu de precedentes, mas houve uma modificação quantitativa de ordem tal que resultou em salto qualitativo. A nossa literatura não pode ser compreendida pelo estudo da história da literatura.

Procuremos vivenciar essa nossa literatura. Como todos forçados de participando seu processo passivamente. Alguns entre nós podem tomar a decisão existencial dele participar ativamente. Considerarei essas duas vivências separadamente. Em breve, a pergunta que formularei é a seguinte: por que e como lemos, e por que e como escrevemos? Distinguirei, grosso modo, tres tipos de leitura: a sensacionalista, a informativa e a apaixonada. É óbvio que esta distinção não é rigorosa, e que há outros tipos de leitura não mencionados. Por exemplo: a leitura do jornal da tarde não é puramente sensacionalista, já que mesmo nesse tipo de literatura informações se infiltram subrepticiamente. A leitura de um manual de bombas hidráulicas pode apaixonar-me. A leitura de uma poesia de Edith Sitwell pode ser uma leitura sensacionalista. E pode haver leituras de outro tipo, por exemplo as simplesmente chatas, as quais estou forçado por deveres profissionais ou outros. Mas para a finalidade da presente exposição as tres classes de literatura que estabeleci são suficientes. Notarão os senhores que o critério da classificação é existencial, isto é um critério feito à base da vivência da leitura. Creio que a torrente anárquica de literatura que nos cerca não admite uma classificação objetiva, porque torna insignificativos todos os critérios objetivos. Posso ter a vivência apaixonante de poesia na leitura de um tratado de lógica formal, e este tratado será, para mim, literatura apaixonada. Se uma classificação objetiva me disser que se trata de uma obra informativa, portanto não faz parte da literatura num significado mais estrito do termo, essa classificação não me diz respeito. Por que há, é óbvio, uma hierarquia implícita em toda classificação de literatura. Aquilo que chamei de "literatura sensacionalista" ocuparia a base da pirâmide hierárquica da literatura, e aquilo que chamei de "literatura apaixonante" ocupa o seu topo. E, se recorremos ao termo "literatura", podemos querer referir-nos somente ao topo da pirâmide exposta. Isto me parece ser legítimo, se mantermos em mente que o critério que estabeleceu a pirâmide é subjetivo e decorre da vivência da leitura.

Detenhamo-nos um instante na leitura sensacionalista. Por que a faço, e como a faço? O que vou descrever é uma típica situação de fuga. Faço essa leitura para escapar da circunstância que é a minha realidade. Leio que o Brasil venceu a Alemanha por dois tentos a zero, não, como pode parecer à primeira vista, pelo valor informativo ou apaixonante dessa notícia, mas porque essa leitura me permite de deixar de ser eu mesmo; e tornar-me gente. De certa maneira me integro, nessa leitura, na massa anônima, e, nesse processo de integração, sou de certa maneira, a saber da maneira da gente, aquele quem venceu a Alemanha. Extrapolei a responsabilidade de mim mesmo para a massa, e transformei-me em vencedor heróico da Alemanha. Se leio que uma atriz de cinema se casou pela quinta vez, sou eu, pelo processo de extrapolação e mastificação, quem a possui. Os crimes do noticiário policial são meus crimes, e os desastres de aviação são aventuras que eu tenho. Mas vivencio tudo isto de uma maneira extrapolada, gentificada, e isenta de responsabilidade. Relevo essa responsabilidade para a gente. Por ser eu, como gente, vencedor da Alemanha, fujo da necessidade de ser vencedor na situação real que me cerca. Por possuir eu, como gente, a atriz de cinema, não preciso enfrentar a situação sentimental insuportavelmente prosaica na qual me encontro. Sempre havia essas válvulas de escape, na forma de romances de cavalaria, para citar apenas um exemplo. Mas essas válvulas nunca assumiam um caráter a um tempo tão comodo e tão abundante como o assumem na literatura sensacionalista da atualidade. Podemos por

-2-

tanto sentir ainda leves resquícios de pudor que aderem a esse tipo de leitura. São compensados, via de regra, por um engagement violento. Observem as discussões aparentemente honestas que se seguem a partidas de futebol, e verificarão o que tenho em mente. Mas o processo não é tão simples. A compensação do pudor em engagement cria nesse sensacionalismo como que uma segunda honestidade. Há casos de suicídio por uma partida perdida. A literatura sensacionalista determina de maneira poderosa a nossa circunstância, é preciso, atualmente, um esforço intelectual e moral para resistir às solicitações que ela nos estende. A resistência que oferecemos a literatura sensacionalista faz parte de nossa luta pela preservação da nossa autonomia como existências dignas desse termo.

COPIA

Considerem agora a leitura do tipo que chamei "informativo". Por que a faço e como a faço? Superficialmente poderia dizer que faço essa leitura propellido por essa qualidade misteriosa chamada "curiosidade", e porque saber é poder, na frase do velho Bacon. Mas por baixo dessas explicações superficiais esconde-se um terreno misterioso. Observem como a leitura desse tipo se processa. É um processo comparável a opiomania. As primeiras informações que esse tipo de leitura pinga em nos as mentes na idade tenra escolar, preparam o nosso espírito para a absorção das informações futuras. A nossa mente está sendo condicionada e treinada para leituras futuras. Toda informação que a mente recebe exige insistentemente de ser seguida por inúmeras outras. Uma mente nunca exposta ao vício dessa leitura, ou uma mente pouco viciada por ela, encontra-se num estágio de pureza ingénua que nós, os viciados, podemos talvez invejar, mas nunca reconquistar de novo. Esse tipo de leitura transforma a nossa mente em boca voraz, que engole massas de informações das quais apenas uma fração desprezível poderá jamais ser digerida. O empolgante desse processo é sua automatividade. Quem se abriu para essa leitura do tipo informativo, transformou-se como que em mero canal passivo pelo qual se derramam informações em forma de livros. A curiosidade e a vontade do poder estão presentes apenas no primeiro estágio desse processo. Num estágio mais avançado um livro arrasta automaticamente os outros. Esse tipo de leitura paralisa a mente, já que a transforma numa espécie de computador de memória falha. O resultado dessa leitura não é uma mente informada, mas uma mente frustrada do tipo chamado "erudita". Nela flutuam pedaços de informações que não podem sedimentar-se, já que o fluxo de informações é ininterrupto. Este fenómeno é relativamente novo, e o inferno no qual esse tipo de mente vegeta é relativamente recente. Não havia antigamente tanta informação, e a informação que havia não podia ser devorada com tanta facilidade. É preciso portanto assumir uma atitude nova diante do fenómeno novo. Se a nossa meta for, como presumo que é, a de preservar a autonomia da nossa existência, creio que devemos admitir honestamente o perigo dessa leitura. O saber sempre crescente que é resultado de acúmulo de informações não é um valor supremo. A recomendação óbvia seria a de escolher e frear racionalmente esse tipo de leitura. Mas essa recomendação óbvia não me parece ser existencialmente viável. Expliquei que se trata de um processo altamente automático e independente depois de certo estágio, da nossa vontade. Creio que nossa reação a esse desafio deve ser ativa, isto é devemos responder ao perigo desse tipo de leitura escrevendo. Mas tratarei dessa minha recomendação um pouco mais tarde.

Passarei a considerar o terceiro tipo de leitura, que chamei de apaixonante. Creio que esbarramos nele como que por acaso. Mas se acaso pode dar-se no curso das nossas leituras que chamei de sensacionalistas ou informativas. De repente, de golpe

deparamos com uma frase, uma palavra, um contexto, que faz como que parar o nosso pensamento. É como que uma mão que se infiltra no nosso íntimo para nele operar

COPIA uma transformação íntima e dificilmente articulável. São momentos que nós arrebatam. Direi que nes es momentos temos a vivência da poesia no significado do termo que venho empregando neste curso. É exatamente o oposto daquilo que vivenciamos na leitura sensacionalista. Ao envez dē nos extrapolarmos sobre o anonimato amorfo da gente, somos, nestes instantes, forçados a recolher nos dentro de nós mesmos. É aquilo que se infiltra em nós para chamar nos a nós mesmos não é uma informação no sentido comum, embora seja talvez uma informação no sentido cibernético do termo. Não estamos recebendo informação, estamos sendo informados. É a mão poderosa da poesia que nos informa. Chamarei o conjunto desse tipo de influencia formadora e informadora de "literatura sensu stricto". Não é possível buscar-se este tipo de leitura. O belo e aventureiro nela é justamente o fato de esbarrarmos nela por acaso. O que podemos é voltar sempre para o tesouro por nós descoberto. Porque esse tipo de informação nunca se esgota, mas pelo contrário sempre se renova. De um verso d'Angelus Silesius, um pensamento de Pascal, ou uma cena de Hamlet se revelou, para nós, como sendo leitura apaixonante, podemos voltar sempre de novo para essa nossa descoberta, que seremos sempre recompensados. Nessa leitura apaixonante, a despeito de tudo, poderemos recaptar a sensação sacral e festiva da literatura. Ela continua abrindo, para nós, regiões encobertas. A passividade com a qual nos rendemos a este tipo de leitura é, no fundo, uma má suma atividade. Um apelo a um tempo intelectual, moral e estético é feito sobre nós nes es momentos que exige uma reação ativa. O trágico na nossa situação é justamente que a massa da leitura sensacionalista e informativa torna sempre mais raros os momentos de leitura apaixonada, e que a massa dos livros e publicações diminui, ao envez de aumentar, a probabilidade de acontecer o acaso da sua descoberta. Mas creio que os perigos das duas formas inferiores de leitura são amplamente compensados pela possibilidade, por tênue que seja, de encontrarmos instantes preciosos de verdadeira literatura.

Procurarei agora, nesta minha tentativa de analisar existencialmente a nossa situação literária, indicar aos senhores a vivência ativa e participante da literatura.

Desde este ponto de vista ativo creio que é tou dispensado a dizer que a minha classificação em sensacionalista, informativa e apaixonante deixa de ser aplicável. É que, a meu ver, existem apenas dois empenhos literários, a saber o empenho profissional e o empenho vocacional, embora obviamente estes dois empenhos podem confundir-se. Se me empenho na literatura profissionalmente, isto é se escolhi a literatura como meio de ganhar a minha vida, posso, é óbvio, ter escolhido esse projeto por alguma afinidade que sinto por essa afinidade. Mas neste tipo morno de empenho há outros momentos decisivos: por exemplo a procura de um certo status social que a atividade literária, apesar de tudo, ainda pode oferecer, ou a relativa independência, ou simplesmente o fato de a gente sujar as suas mãos apenas com papel carbono, em vez de com graxa. O resultado desse tipo de empenho, que pode ou não ertar acompanhado de dexteridade artesanal, não será, muito provavelmente, vivenciado por muito leitores como literatura apaixonante. Mas há um outro tipo de empenho na literatura, e hesito de dizer que este é resultado de uma escolha. Direi, pelo contrário, que ele é resultado da certeza, altamente desagradável, que: "scribere necesse est, vivere, non est". Quem tem essa certeza, e creve simplesmente porque não pode deixar de fazê-lo. Há nele uma tendência para a articulação

simplesmente insufocável. É óbvio que esse alguém procurará sufocar periodicamente essa tendência, nos momentos quando nutre dúvidas quanto à validade intelectual, moral ou estética daquilo que articula. E esses momentos perfazem talvez a grande maioria do seu tempo. É aí que se verifica a impossibilidade da tendência de ser sufocada. Fico creio dispensado de procurar provar que para um empenho assim o resultado é literatura apaixonante, pelo menos no instante da articulação mesma. Mas é invariante, que se chama por aqui de "criação literária", mas que carece, na vivência mesma, de toda aquela aureola pomposa que o termo acarreta, o empenhado na literatura, (chamemo-lo de "escritor"), gente a paixão da palavra escrita. Essa paixão é cega. No momento mesmo da articulação não admite crítica, embora possa ter nascido de um processo crítico anterior demorado. Mas a articulação é seguida, mais cedo ou mais tarde, de um anti-clímax. Aquilo que se apresentava, no momento da articulação, como sendo apaixonante, apresenta-se agora frustrado e fracassado. É que o escritor compara, no momento do anti-clímax, a articulação realizada com a articulação potencial, da qual a realização surgiu. Essa comparação resulta em desencanto. Nesse desencanto o escritor deve decidir se publicará ou não essa realização frustrada. Nessa sua decisão influem motivos da mais diversa ordem. Pode publicar porque confessa para si mesmo que não é capaz de uma realização mais perfeita. Ou porque confessa que lhe falta paciência para uma reelaboração mais perfeita. Ou porque é impaciente de entrar em conversação com o público, aquela entidade nebulosa que é melhor não imaginar individualizada. Ou porque precisa de dinheiro. Ou porque quer fama. Mas a decisão para a publicação tem sempre um sabor de derrota. A prova vivencial de que publicar é ter sido derrotado reside no fato que o escritor mergulha, quase imediatamente, em novo esforço articulador, em nova tentativa. Neste sentido podemos dizer que a literatura é o conjunto das tentativas frustradas de articulação pelos escritores.

Uma vez feita a decisão para a publicação, inicia-se uma vivência literária inteiramente nova. Se a primeira fase, a qual acabo de descrever, é possivelmente tão antiga quanto o é a literatura, a segunda fase, a qual descreverei agora, é própria da situação da atualidade: Para ser publicada, a obra literária precisa entrar naquela torrente de papel impresso que procurei esboçar há pouco. Passa por editores, por comissões de leitura, por tipografias, por terceiras e quartas provas de tipografia, por escolhas de capas de livro, por distribuição em livrarias, para finalmente acabar na mão de leitores, nos cantos de bibliotecas e nas latas de lixo. Com cada passo que a obra dá nessa sua via crucis, afasta-se mais do escritor que lhe deu digamos vida. Há um alheamento progressivo entre escritor e obra. A obra passa a ser, para o autor, exatamente o contrário de literatura apaixonante, já que não lhe diz mais respeito. Este alheamento progressivo é interrompido se e quando críticas da obra aparecem. Se não aparecem críticas, se a obra desaparece do horizonte do autor sem deixar rastro, (a não ser, talvez, algum dinheiro), deixa pelo menos isto: uma sensação de algodão na boca. Mas se críticas aparecem, sejam boas, sejam más, torna-se quase palpável o isolamento e a incomunicabilidade fundamental da existência em seu projeto rumo à morte. Todo este vasto ramo de literatura, chamado "crítica literária", é a tentativa fundamentalmente frustrada de estabelecer-se um diálogo entre mentes distantes umas das outras para se unirem contra a morte. Desde diálogo surge, para o autor, uma sensação de solidão que o impele, paradoxalmente, ainda mais para a literatura.

COPIA. Mas a despeito de tudo isto não posso não quero negar que a vivência ativa da literatura é inebriante. Há algo que é obra do autor, algo a testemunhar a sua passagem pela selva do mundo, e este algo está agora expelido do seu ser para tentar afirmar-se por sua própria conta. Mesmo que este algo esteja perdido por entre a multidão titânica das publicações, e tá lá, e esta certeza é como que uma confirmação da existência do autor, como que uma justificativa. Assim é a literatura que nos cerca, se fôr literatura sensu stricto, a soma de justificativas de existências em sua luta contra a morte e a absurdidade da condição humana.

Procurarei, na próxima palestra, considerar um pouco mais de perto esse conjunto de justificativas, tal como ele se nos apresenta na forma de literatura sensu stricto da atualidade. Procurarei mostrar como essa literatura espelha, em seus assuntos e em sua forma, a perda de fundamento da nossa situação, e como contribui poderosamente para radicalizar essa situação a fim de ultrapassá-la. O que pretendi hoje é dar aos senhores uma visão, por certo muito subjetiva, da cena literária de hoje. Peço portanto que mantenham em mente, no curso da discussão, que o nosso assunto não é propriamente a literatura atual, mas a vivência dessa literatura pelos leitores e escritores.